

A sociedade cosmopolita moderna

J. O. de Meira Penna

Uma citação importante com a qual inicio meu artigo: "Mediante a exploração do mercado mundial, a burguesia tem dado um caráter cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países. Com grande mágoa dos reacionários, puxou de sob os pés da indústria a base nacional onde se sustentava. As antigas indústrias nacionais foram destruídas ou estão sendo continuamente destruídas. São suplantadas por outras indústrias cuja introdução se converte em questão vital para todas as nações civilizadas; por indústrias que já não empregam matéria-prima indígena, mas matérias-primas oriundas das regiões mais longínquas do mundo; indústrias cujos produtos não só se consomem no próprio país, mas em todas as partes do mundo. No lugar das antigas necessidades, satisfeitas com produtos nacionais, surgem necessidades novas que reclamam, para sua satisfação, produtos dos países mais afastados e dos climas mais diversos. **No lugar do antigo isolamento e da autarquia das regiões e nações, se estabelece um intercâmbio universal, uma interdependência universal das nações.** E isso se refere tanto à produção material quanto à intelectual. A produção intelectual de uma nação se converte em patrimônio comum de todas. **A estreiteza e o exclusivismo nacionais se tornam cada vez mais impossíveis;** e a partir das numerosas literaturas nacionais e locais se forma uma literatura universal". Adivinhem de quem é essa tese! Pois bem, é de Karl Marx, o próprio, no início do **Manifesto Comunista** de 1848. Quando manteve a afirmação de que a característica principal de nossa intelectualidade é a ignorância e boçalidade, não estou falando em vão. Estou bem certo de que a maior parcela "marxista" desta nação nunca leu Marx; se o leu, tresleu; e, se tresleu, tal é a dose de obnubilação emocional que a afeta, que interpretou justo ao contrário do que demonstra expressamente o texto. Como pode, efetivamente, a teoria da "dependência" se sustentar diante de argumentos tão claros, tão positivos e tão empiricamente comprovados quanto os dos economistas, inclusive Marx, que anteciparam a internacionalização irreversível da economia?

Quero destacar alguns pontos a partir de tal perplexa constatação, para sustentar que não será possível compreender exatamente a monstruosidade que está sendo parida no ventre tumefato da Constituinte, sob a batuta da múmia faraônica que a preside, e do curupira amazonense que a relata, se não nos convenceremos: 1º — que a verdadeira ideologia inspiradora dos chamados "progressistas" é o mais reacionário nacional-socialismo; e, 2º — que o Brasil, não obstante os volumosos estudos de nossos "marxistas", ainda não conheceu sua "revolução burguesa", razão pela qual os conceitos exarados por Marx e citados no início deste suelto — os quais se endereçam à burguesia — não possuem relevância entre nós. Tenho insistido no uso do termo "nacional-socialismo". O nacional-socialismo, sobre o qual me estendi em livro de 1986, "A Ideologia do Século XX" (Editora Convívio), é atualmente o produto da fusão, no Terceiro Mundo subdesenvolvido, das correntes nacionalistas de direita e socialistas de esquerda que se desenvolveram de 1848 a 1914 na Europa, fundindo-se no período entre as duas guerras. No sentido que o emprego, foi o termo pela primeira vez usado por Peron em seu livro "**Latino-Americano — Agora o nunca**", publicado em 1967, quando ainda se encontrava no exílio. O caudilho argentino, que acrescentava o adjetivo "cristão" a seu conceito de nacional-socialismo, insistia veementemente que se tratava de uma doutrina de "esquerda" a qual, por sua natureza populista, se identificaria ao "Justicialismo" antiimperialista que desde sempre

pregara. A locução nacional-socialismo é, pois, perfeitamente adequada como definição das aberrações que estão sendo cozinhadas pelos nacionalistas tupiniquins e socialistas botocudos de nosso Congresso. Sem a adição do nacionalismo não poderíamos aquilatar o mal que nosso socialismo babaca pode causar ao país. É por isso que hoje considero o espetáculo mais deprimente a que posso assistir, na TV, o do Hino Nacional cantado pelos constituintes após uma sessão polêmica. Esses senhores oram, gritam, discutem, falam todos ao mesmo tempo, ficam em pé em grande zorra ao invés de se sentarem serenamente para ouvir com atenção os debatedores, empurram, se insultam e esbofeteadam e dão pontapés, enquanto as arquibancadas vão, vo-ciferam, aplaudem e atiram objetos no plenário — em suma, traduzem a imboança indecorosa do velho adágio latino: **Senatoris Boniviri, Senatus bestia** ... Lembro-me daquele famoso aviso de Burke, ao observar com desgosto as violências da Convenção revolucionária francesa, de que homens de mente destemperada não podem ser livres, suas paixões forjam suas próprias algemas. Depois da demonstração aviltante de destempero verborrágico e falta de vocação para o autogoverno, os descomedidos representantes do povo (o povo, coitado, embora inculto e iludido não é assim tão ruim!) apertam as mãos ao alto como se fossem rezar o padre-nosso numa missa quilombola de frei Boff, ou dançar o samba numa orgia do Sírio-Libanês, e se põem a entoar, com voz desafinada, a letra lamentável de Osório Duque Estrada que tanto destoia da bela marcha de Francisco Manoel. Pobre Hino Nacional: É uma tristeza! Fecho logo a TV para não sentir náuseas...

O que Roberto Campos descreve como as eructações do nacionalismo temperamental podem muito bem comprometer irremediavelmente o país, do mesmo modo como já arreventaram com a Argentina, conforme salientei em artigo anterior. O mundo, como acentuava Marx em 1848, caminha para a expansão de uma economia universal interdependente. Qualquer julgamento em termos jingoístas estreitos falseia a realidade. A pujança americana reside, precisamente, na internacionalização de sua economia, em que os investimentos no exterior são equivalentes aos investimentos estrangeiros no próprio país e o dólar se converteu em moeda internacional. Na Ásia, na África, na América Latina as nações mais prósperas são, justamente, as mais integradas à economia multinacional, nações como a Coreia, Taiwan, Singapura, o Quênia, a Costa do Marfim, o Gabon, o Chile e a Venezuela. As mais estagnadas, miseráveis e retardatárias as que mais se isolam autarquicamente, como a Albânia, a Birmânia, a Rumania, a Etiópia. Em nosso próprio país já é tempo de reexaminarmos o método seguido para o grande salto da industrialização: a substituição de importações. Reconhecendo embora a capacidade notável do Brasil, em virtude de seu tamanho e recursos, para uma grande variedade produtiva, não terá chegado o momento de integração mais íntima na divisão do trabalho coletivo que distingue cada vez a economia de escala planetária; e na cooperação mútua através da ação das empresas multinacionais? No mundo cosmopolita de amanhã, quem se isola se fubeca. Quem reage à internacionalização da economia se coloca no mercantilismo pré-industrial e pré-burguês que anuncia o descalabro. Os boçais da ideologia botocuda, que não são capazes de entender essas premissas do mundo futuro, pelo menos que leiam corretamente sua **Vulgata** marxista...

J. O. de Meira Penna é embaixador, professor da UnB e escritor.